

A ORAÇÃO CAMINHO DE AMOR

Tradução e Resumo

Jacques Philippe

1º Encontro – A Oração como resposta a um chamamento

I – Os motivos da oração

É necessária uma forte motivação para garantir a fidelidade e perseverança na oração. Temos que estar convencidos que, apesar do caminho ser difícil, vale a pena porque as vantagens superam as dificuldades. Por isso este 1º capítulo serve para recordar as principais razões por que é necessário orar.

S. Pedro de Alcântara diz: Na oração, limpa-se a alma dos pecados, apascenta-se a caridade, certifica-se a fé, fortalece-se a esperança, alegra-se o espírito, derretem-se as entranhas, purifica-se o coração, descobre-se a verdade, vence-se a tentação, foge a tristeza, renovam-se os sentidos, repara-se a virtude enfraquecida, despede-se a tibieza, consome-se a origem dos vícios, e nela não faltam centelhas vivas de desejos do céu, entre as quais arde a chama do divino amor.

Tudo o que promete esta passagem é rigorosamente certo, não o sentiremos sensivelmente todos os dias mas se formos fiéis experimentá-lo-emos pouco a pouco.

J. Paulo II na Novo Millenio ineute (2001) convida a que contemplemos o rosto de Cristo e que cada cristão responda à chamada, à santidade inserida na vocação batismal. Para implementar uma “pedagogia de santidade” é necessário *formação na oração* (ler o nº 32 que apela a que a oração cristã seja vivida sobretudo na liturgia). Esse nº 32 recorda também que a oração é a alma da vida cristã, que nos torna amigos de Deus, nos introduz na Sua intimidade e na riqueza da Sua vida, que permaneçamos n’Ele e Ele em nós.

Muito importante é também uma afirmação do PP segundo a qual, a oração *é o segredo de um cristianismo realmente vital, que não tem motivos para temer o futuro*. E que o importante é que toda a comunidade cristã (família, paróquia, grupo ...) seja em primeiro lugar um lugar de educação na oração: que o encontro com Cristo não se expresse só no pedido de ajuda mas também na ação de graças, no louvor, adoração, contemplação.

Não nos podemos conformar com uma oração superficial incapaz de preencher a vida, seríamos mais que cristãos medíocres, seríamos cristãos em risco.

1 – A oração como resposta a um chamamento

O que nos deve motivar e animar a entrar numa vida de oração é que é Deus que no-lo pede. O fundamento da vida de oração não é a nossa procura, a nossa iniciativa, o nosso desejo (têm valor mas podem falhar) mas a chamada de Deus: *Orar sempre sem desfalecer* (Lc 18,1), *Vigiai orando em todo o tempo* (Lc 21, 36) e *Orando em todo o tempo movidos pelo Espírito* (Ef 6, 18). Não oramos porque esperamos uns benefícios estupendos mas porque Deus no-lo pede. E pedindo sabe o que faz. O Seu projeto supera o que desejar e imaginar. O motor da vida de oração é a fé, enquanto obediência confiada ao que Deus nos propõe.

Se se ora pelos benefícios que se espera alcançar com a oração corre-se o risco de desanimar um qualquer dia. Se se ora numa atitude de humilde submissão à Palavra de Deus teremos sempre a graça de perseverar. Escutemos Marthe Robin:

Quero ser fiel, muito fiel à oração de cada dia, apesar das securas, dos aborrecimentos, dos desgostos que poderei vir a ter ... Apesar das palavras maldizentes, desencorajadoras, ameaçadoras que o demónio me poderá repetir! (...) Nos dias de confusão e de grandes tormentos, direi a mim mesma: Deus assim quer, a minha vocação assim quer, isto me basta! Farei oração, permanecerei todo o tempo que me foi prescrito em oração, farei o melhor que puder na minha oração e quando chegar a hora de me retirar, ousarei dizer a Deus: meu Deus, não rezei o suficiente, não trabalhei o suficiente, não fiz o suficiente, mas obedeci-Te. Sofri, mas mostrei que Te amo e que Te quero amar.

A nossa vida de oração deve reger-se por uma disposição de obediência confiada, de resposta à chamada de Deus. Deus sabe o que é bom para nós e isso deve bastar-nos. Há uma dimensão de gratuidade que é fundamental na vida de oração. Quanto mais gratuita é a oração mais frutos dá.

2 – A prioridade de Deus na nossa vida

A existência humana só encontra o seu verdadeiro equilíbrio se tem Deus no centro. A fidelidade à oração permite garantir de maneira concreta a primazia de Deus. O que não ora, de um modo subtil mas certo, porá o seu ego no centro da sua vida e não a presença viva de Deus. Dispersar-se-á numa multidão de desejos, solicitações e temores. Pelo contrário quem ora, apesar de ter de enfrentar a carga do ego, as tendências de egoísmo que nos afetam a todos, sai de si mesmo mas volta a centrar-se em Deus, permitindo-Lhe que a pouco e pouco ocupe (ou recupere) o lugar que Lhe corresponde na nossa vida – o primeiro. Encontrará assim a unidade e coerência de vida. Quando Deus está no centro tudo encontra o lugar que Lhe corresponde.

Dar a Deus a prioridade absoluta (frente ao trabalho, relações humanas ...) é a única maneira de estabelecer a justa ordem a respeito das coisas, pondo um sã distância que permite salvaguardar a nossa liberdade interior e a unidade da nossa vida.

A oração ensina-nos a enraizar-nos em Deus, a permanecer no Seu amor (cfr Jo 15, 9) a encontrar n'Ele a força e segurança, e permite-nos também converter-nos num apoio firme para os outros.

Claro que teremos na nossa vida tempos de prova e de cansaço, porque é necessário que experimentemos a nossa fragilidade, que nos saibamos pobres e pequenos. De qualquer modo segue sendo certo que Deus saberá dar-nos na oração a energia que precisarmos para O servir e amar e inclusive, às vezes, forças físicas.

3 – Amar gratuitamente

A fidelidade na oração é muito valiosa pois ajuda-nos a preservar a gratuidade da nossa vida. Orar é perder tempo com Deus. Trata-se de uma atitude de amor gratuito. O amor verdadeiro não pode encerrar-se na

categoria do útil. Como diz Marcos na eleição dos 12 que Jesus elege-os primeiro “para que estivessem com ele” (Mc 3, 14) e só depois para partilhar tarefas. Estamos chamados a ser amigos, numa vida de intimidade partilhada, mais além do utilitarismo.

Orar é passar gratuitamente tempo com Deus, pela alegria de estar juntos. É amar, porque darmos tempo é darmos vida. O amor não é fazer algo pelo outro, é tê-lo presente. A oração educa-nos a ter presente Deus numa simples atenção amorosa. Da oração nasce uma delicadeza, um respeito, uma atenção que é uma preciosa oferta para os que encontramos no nosso caminho.

Não há escola de atenção ao próximo mais formosa e eficaz que a perseverança na oração. Pôr em oposição a oração e o amor ao próximo não faria sentido.

4 – Antecipar o Reino

A oração antecipa-nos o céu. Faz-nos entrever e saborear uma felicidade que não é deste mundo. Na vida de oração encontram-se lutas, sofrimentos, aridezes, mas se perseveramos fielmente, disfruta-se de tempos a tempos de uma felicidade que não temos palavras, de uma paz e satisfação que são uma antecipação do paraíso. Ver Regra que somos convidados a “meditar dia e noite na lei do Senhor” e também em 5M 1, 3.

Na oração o homem aprende, nesta terra, o que será a sua alegria durante toda a eternidade – extasiar-se ante a beleza divina e a glória do Reino. Aprende a fazer aquilo para que foi criado. Exercita as faculdades que com frequência mais utiliza: adoração, admiração, louvor e ação de graças. Recupera o coração e o olhar de criança para se maravilhar ante a Beleza que está acima de toda a beleza, ante o Amor que transcende o amor.

Orar significa também realizarmo-nos como pessoas. Há muitas pessoas que recebem graças de oração, gente simples, no decorrer de uma adoração eucarística p. exemplo.

5 – Conhecimento de Deus e conhecimento de si

Um dos frutos da oração é a entrada progressiva no conhecimento de Deus e no de si próprio. A oração introduz-nos a pouco e pouco num verdadeiro conhecimento de Deus, não de um Deus abstrato e longínquo mas de um Deus vivo e verdadeiro, Deus de Abraão, de Isaac, de Jacob e Pai de N. S. Jesus Cristo.

A oração permite-nos passar das nossas ideias sobre Deus a uma experiência de Deus. No livro de Job encontramos esta bela expressão: “Os meus ouvidos tinham falado de ti, mas agora veem-te os meus próprios olhos” (Job 42, 5).

O objetivo principal da revelação pessoal de Deus, fruto essencial da oração, é que O conheçamos como Pai. Por Jesus, na luz do Espírito, Deus revela-se como Pai.

Deus é conhecido na sua grandeza, majestade e poder infinitos, mas ao mesmo tempo na sua ternura e doçura, proximidade e inesgotável misericórdia. Conhecimento que não nos vem pelo saber mas por experiência viva de todo o nosso ser.

O conhecimento de Deus também dá acesso ao verdadeiro conhecimento de si. Através de meios humanos, experiência de vida, psicologia, ciências humanas, ... se conhece muito mas não se tem acesso à nossa identidade profunda, a não ser à luz de Deus, sob o olhar que pousa em nós o Pai do Céu.

Este conhecimento tem dois aspetos. Um negativo que se refere aos nossos pecados e à nossa profunda miséria, que não conhecemos verdadeiramente a não ser à luz de Deus. Perante Ele não há mentiras, não há escapatória, não há justificação, não há máscaras. Estamos obrigados a reconhecer quem somos, com as nossas feridas, as nossas fragilidades, nossas incoerências, nossos egoísmos, nossa dureza de coração, nossas secretas cumplicidades com o mal ...

Felizmente Deus é terno e misericordioso e esta iluminação faz-se a pouco e pouco, à medida que a somos capazes de suportar. Deus mostra-nos o nosso pecado ao mesmo tempo que nos revela o Seu perdão e a Sua misericórdia. Reconhecer a verdade é necessário: não há cura sem conhecimento da doença. Mas para além dos nossos pecados e das nossas misérias descobrimos a nossa condição de filhos de Deus. Ele ama-nos tal

como somos, com um amor absolutamente incondicional e é esse amor o que constitui a nossa identidade mais profunda.

Sou um ser manchado, tenho urgente necessidade de purificação e conversão, no entanto, há em mim algo absolutamente puro e intacto: o amor que Deus me tem como meu Criador e Pai, fundamento da minha identidade da minha condição de filho muito amado. Chegar aí na fé é o que abre e garante a possibilidade do caminho da conversão e purificação de que não posso prescindir.

Há uma parte da minha identidade que deriva da minha história, da minha herança, das coisas que sofri, das decisões que tomei, mas isso não é o mais profundo. A nossa personalidade verdadeira não é tanto uma realidade que construir mas um dom que receber.

A essência da minha personalidade consiste em duas realidades que estou chamado a descobrir progressivamente: o amor único que Deus me tem e o amor único que eu posso ter por Ele. A oração e o encontro com Deus faz-me descobrir o amor único que Deus me tem. O amor de Deus é pessoal e personalizado. Cada um de nós tem perfeito direito de dizer: Deus ama-me como a ninguém no mundo! E este amor único que Deus tem por cada um inclui o dom de uma resposta única por parte de quem o recebe. Tenho no coração de Deus, no mistério da Igreja, um lugar único e insubstituível que não pode ser assumido por mais ninguém.

Receber como fruto da oração esta dupla certeza, de ser amado de modo único e de poder (apesar da minha debilidade e limitações) amar de maneira única é o que constitui o núcleo mais profundo e sólido da nossa identidade. E a fidelidade à oração nasce de descobrir Deus como Pai.

6 – Da oração nasce a compaixão pelo próximo

Um dos melhores frutos da oração (e um critério de discernimento da sua autenticidade) é fazer-nos crescer no amor ao próximo.

Se a nossa oração é verdadeira (veremos mais à frente o que isso significa), acerca-nos a Deus, une-nos a Ele e faz-nos entender e partilhar o amor infinito que tem a cada uma das suas criaturas. A oração dilata e enternece o coração e onde falta oração o coração endurece e o amor esfria.

7 – A Oração caminho de liberdade

A fidelidade à oração é um caminho de liberdade. Educa-nos progressivamente para que busquemos em Deus os bens essenciais que desejamos: o amor infinito, a paz, a segurança, a felicidade, ...

As nossas relações com o próximo são às vezes decepcionantes porque, sem nos darmos conta, esperamos deles mais do que podem dar. De uma relação privilegiada espera-se uma felicidade absoluta, um reconhecimento pleno, mas nenhuma pessoa humana, nenhuma atividade pode satisfazer plenamente essa espera. Como esperamos demasiado e não recebemos ficamos decepcionados porque não corresponderam às nossas expectativas.

Não é culpa deles mas nossa: pretendemos obter de uma pessoa os bens que só Deus nos pode conceder. Não é desclassificar as relações interpessoais nem as atividades humanas, mas é preciso que Deus siga sendo o centro, não exijamos que uma pobre criatura humana, limitada e imperfeita nos dê o que só Deus nos pode dar.

Quanto mais for Deus o centro da nossa vida e o que esperarmos seja tudo e só d'Ele mais oportunidade haverá de que as nossas relações humanas sejam justas e equilibradas. Esperar de uma realidade qualquer o que só Deus nos pode conceder tem um nome: idolatria. A idolatria faz-nos perder uma parte da nossa liberdade e os ídolos decepcionam. Deus, pelo contrário, leva-nos por caminhos inesperados e por vezes dolorosos, mas superará as nossas expectativas. A fidelidade à oração, apesar de passar às vezes por fases difíceis, aridez e prova, conduz-nos progressivamente a encontrar em Deus uma paz profunda, segurança e felicidade que nos torna capazes de dar muito ao próximo e também de o aceitar como é quando não corresponder às minhas expectativas.

A fidelidade à oração faz-nos experimentar pouco a pouco que os verdadeiros tesouros são interiores, que temos dentro de nós o Reino e a felicidade. Torna-nos mais livres a respeito dos bens da terra e liberta-nos a pouco e pouco da necessidade de encher a vida com um monte de coisas materiais que acabam por complicá-la e endurecer o nosso coração.

8 – A oração constrói a nossa unidade de vida

Com o tempo (se formos fiéis) a oração torna-se “centro unificador” da nossa vida. A vida encontra a sua unidade profunda. Graças ao encontro regular com Deus na oração, tudo se converte em positivo: os nossos desejos e esforços, também a nossa pobreza, erros e pecados. As circunstâncias felizes ou não, as eleições boas ou más tudo acaba por fazer sentido e ser integrado num caminho de crescimento no amor. Disse St^a Teresinha: *“O amor é tão poderoso em obras que sabe sacar proveito de tudo, do bem e do mal que encontra em mim”*¹

Como Maria, tudo o que vivia (as graças recebidas, as palavras que ouvia ...) conservava no seu coração e na sua oração onde tudo acabaria por fazer sentido, não em virtude de uma análise intelectual mas graças à oração interior. Não dava voltas às coisas na sua cabeça mas guardava-as no seu coração confiado e orante onde tudo terminava por encontrar sítio, por se unificar e simplificar.

Pelo contrário sem fidelidade ao encontro da oração a nossa vida corre o risco de não encontrar coerência: *“O que não recolhe comigo dispersa”*² diz Jesus.

¹ St^a Teresinha comentando S. João da Cruz em Manuscrito A, 83

² Mateus 12, 30